



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE
SAETELVINOMARIA@GMAIL.COMNTANA**
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

OS DESAFIOS DO TRABALHO ASSOCIATIVO A PARTIR DOS OLHARES DAS MULHERES DA COMUNIDADE DE BARRA DO BRUMADO, BANANAL E RIACHO DA PEDRAS- RIO DE CONTAS

Lucimara Daiane da Silva³ Januzia-Souza Mendes ² Flávia Almeida Pita³

1. Bolsista PIBIC/FAPESB ,Graduanda em Direito, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: etelvinomaria@gmail.com
2. Orientadora. Departamento de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jsmaraujo@uefs.br
3. Orientadora. Departamento de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: fpita@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Quilombola. Associação. Direito.

INTRODUÇÃO

O plano de trabalho inseriu-se nos esforços investigativos sobre os desafios enfrentados no trabalho associativo das mulheres quilombolas da comunidade da Barra do Brumado, Rio de Contas.

O grupo formal da associação das mulheres quilombolas constitui-se por 30 mulheres do povoado de Barra do Brumado, Bananal e Riacho das Pedras-Rio de Contas. A comunidade foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Palmares em 22.12.1999. Desde 2012 a associação foi oficialmente formalizada.

A associação quilombola é um grupo autogestionário que tem como finalidade transformar os saberes e fazeres da cultura quilombola em uma forma de renda para as mulheres do quilombo da Barra do Brumado, Bananal e Riacho das Pedras. Dessa forma, essas mulheres transformam cultura, como instrumento de resistência, humanização, comunicação e domínio da mobilidade social. São exemplo, assim, da

[...] enorme resistência de formas tradicionais ou originárias que mesmo submetidas aos mais diversos e brutais constrangimentos, mantêm, reproduzem ou reconstroem formas de propriedade e de sociabilidade diversas da capitalista, ainda que plenamente submersas pela dominação do capital (Fontes, 2012, p. 91).

Os trabalhos são voltados para o artesanato: bordados e crochê (estilos de roupas da cultura afro), fabricação de bebidas típicas como licor e cachaça. Além disso, dispõem de uma cozinha comunitária que é um espaço que está sendo construído para ser um restaurante, no qual esse grupo de mulheres irá produzir e comercializar alimentos típicos da cultura quilombola.

Desde o início da associação, o grupo se articula participando de reuniões com mulheres de outras comunidades e regiões, que se encontram em diversas cidades, sendo mais comum acontecer em Salvador ou Feira de Santana. Assim, essas mulheres são estimuladas a dialogar e refletir sobre as lutas em comum como, por exemplo, os direitos das mulheres, as ideias de trabalho a partir da organização popular e dos saberes e fazeres

da cultura quilombola, as questões raciais, educação, as regras que constroem coletivamente, tornando assim, possível o funcionamento do grupo, dentre várias outras temáticas.

A pesquisa, então, buscou identificar quais são os desafios do trabalho associativo das mulheres quilombolas da comunidade da Barra do Brumado, sobretudo do ponto de vista jurídico, e discutir, a partir da pesquisa participante, soluções para essas problemáticas.

O plano de trabalho aponta, ainda, no sentido da produção de conhecimento jurídico socialmente referenciado, ancorado na pretensão de um conhecimento que se produz no diálogo entre a experiência popular e o acúmulo acadêmico. Neste sentido, destaca-se sua relevância do ponto de vista do processo formativo da estudante de Direito proponente do plano, apontando-se para a formação de uma profissional crítica e sensível às lutas populares pela reprodução de sua existência e resistência.

METODOLOGIA

É de fundamental importância citar que sou originária da comunidade da Barra do Brumado-Rio de Contas, à qual meu projeto de pesquisa é voltado. No entanto, no momento eu resido na cidade de Feira de Santana e estudo na Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS no curso de bacharelado em Direito.

O plano de trabalho previa, inicialmente, a realização de entrevistas individuais com as integrantes da Associação. O avançar do processo investigativo, no entanto, revelou que a observação, pela pesquisadora, dos momentos de reuniões coletiva indicava ser uma melhor forma de apreensão da realidade. Assim, a partir das reuniões realizadas de forma virtual, na maior parte do tempo (ou de forma presencial no período de férias), e mesmo dos constantes contatos via redes sociais (sobretudo *whatsapp*), os registros foram sendo elaborados, de modo a se compreender quais eram as principais dificuldades enfrentadas pelo grupo e como elas impactavam suas atividades.

O processo investigativo também envolveu a pesquisa bibliográfica e documental, tanto sobre a história da comunidade, sobre o associativismo, quanto a que se fez necessária nas atividades de assessoria que foram sendo desenvolvidas pela pesquisadora, na perspectiva da pesquisa participante, de modo a auxiliar o grupo no enfrentamento das dificuldades com o acesso a editais, tarefas burocráticas, compras, etc.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A minha inserção na universidade e a participação do no projeto de pesquisa da Incubadora de Economia Popular e Solidária - IEPS-UEFS foram fatores determinantes para que eu pudesse enxergar a importância de começar a participar dos movimentos da minha comunidade, enquanto estudante universitária pertencente a comunidade quilombola.

O projeto de pesquisa foi uma maneira que encontrei de usar meus conhecimentos adquiridos na universidade para agregar nos movimentos e nas lutas da comunidade como forma de devolutiva sobre total reconhecimento de minha obrigação enquanto pertencente a um povo que traz como foco o movimento negro e resistência contra o sistema racista e machista.

No que diz respeito aos desafios do trabalho associativo, as atividades desenvolvidas com as mulheres quilombolas da Barra, Bananal e Riacho das Pedras ao longo do desenvolvimento do meu plano de trabalho tornou possível verificar que as principais dificuldades do grupo dizem respeito a atender as questões burocráticas para seu

funcionamento, acesso a políticas públicas e inserção no mercado - o que inclui, em especial, a barreira representada pelo acesso à tecnologia (sobretudo o manuseio da internet, editores de texto, aplicativos em celulares etc.). Hoje, por exemplo, a inscrição do grupo em chamadas públicas depende sempre do preenchimento de formulários eletrônicos.

Ademais, para além da burocracia, o grupo enfrenta maiores desafios simplesmente pelo fato de serem mulheres e negras. A luta se torna muito maior quando se colocam as questões raciais e de gênero, pois, vivemos em uma luta constante contra a sociedade racista e machista.

Percebi, ainda, que o grupo enfrenta dificuldades com as regras de convivência do próprio coletivo. As mulheres da associação, enquanto grupo autogestionário, costumam se dividir para passar o dia na loja de artesanato comercializando as peças. Em determinados momentos, ainda, as mulheres se reúnem em assembleia para discutir as questões do trabalho. Porém, na maioria das vezes, os encontros presenciais têm sido substituídos pela comunicação através do *whatsapp*. Este parece ser o motivo pelo qual, em alguns momentos, a divisão do trabalho aparentemente passou a ocorrer de forma injusta, ao passo que algumas passaram a ter mais dias de trabalho do que outras. Alguns integrantes do grupo relataram a necessidade de voltarem a se reunir em assembleia presencial e novamente voltarem a exercer o encontro de vontades a partir da análise do que está bom e o que precisa melhorar no trabalho associativo do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho associativo das mulheres quilombolas de Barra do Brumado, Bananal e Riacho das Pedras representa não apenas uma iniciativa de geração de renda, mas uma poderosa forma de resistência cultural e fortalecimento comunitário. A associação impulsiona o empoderamento econômico das mulheres ao mesmo tempo em que preserva e compartilha a identidade quilombola. Cada peça produzida e vendida, cada reunião e cada evento cultural revelam uma conexão profunda com a história e os saberes ancestrais, reafirmando a dignidade e a luta pelo reconhecimento de seus direitos.

De acordo com desenvolvimento de minha pesquisa eu pude perceber a importância do artesanato como um meio de resistência cultural e empoderamento econômico para essas mulheres, ao mesmo tempo em que observei as dificuldades que elas enfrentam, tanto em termos de gestão coletiva quanto em relação às questões tecnológicas e burocráticas.

Por fim, em um mundo onde as tradições muitas vezes são sufocadas pelas engrenagens do progresso, o artesanato quilombola se ergue como um farol de resistência e renascimento. Nas mãos dessas mulheres, o fio da história é tecido com a força da ancestralidade, cada peça uma manifestação do orgulho e da luta por um futuro mais justo. A Associação, com seu compromisso inabalável, é mais do que uma entidade; é um grito de liberdade, uma ponte entre o passado e o porvir. E assim, com cada gesto, cada trabalho, essas mulheres não apenas constroem seu sustento, mas forjam uma nova narrativa, onde ser mulher quilombola é sinônimo de poder, dignidade e esperança. Que o eco dessa luta reverbere, transformando-se em inspiração para todas as que, como elas, buscam reescrever seu destino com as próprias mãos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pesquisa participante: um momento da educação popular*. Revista Educação Popular, Uberlândia, v. 6, p. 51-62, jan. -dez. 2007

CRUZ, Salete. *Identidade cambiantes nas comunidades quilombolas de Rio de Contas no alto sertão baiano*. 2011. 327 p. Tese (Doutorado em ciências sociais) - Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2011.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capita-imperialismo: teoria e história*. 2.ed. Rio de Janeiro:EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

MENDES, André Luiz Conrado. Assessoria Jurídica Popular: Repensando Metodologias para Substancializar Direitos Humanos. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 8, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17123>. Acesso em: 24 set. 2021

PITA, Flávia Almeida. “*Com que roupa eu vou pro samba que você (não) me convidou?*”: entre desventuras da personificação jurídica e insurgências das lutas pelo trabalho associado popular. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Jurídicas e Sociais) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.